

Apresentação



1

Noé Jitrik, 1º de julho de 2022. Arquivo pessoal de Demian Paredes.
Foto gentilmente cedida à revista *Landa*

Esta edição da revista *Landa* é dedicada à memória de seu padrinho intelectual, o escritor argentino Noé Jitrik, recentemente falecido, aos 94 anos de idade. No número inaugural de 2012 já se publicava um “Dossiê Jitrik”, com contribuições de Roberto Ferro, Raul Antelo e dele próprio, com um texto intitulado “Sarmiento, Lugones, Borges”. Estes nomes de escritores latino-americanos incontornáveis voltariam à baila na sua bela entrevista concedida em 2016 e publicada no início de 2017 – entrevista que reaparece agora, nesta edição, traduzida ao português e antecedida pelas palavras de Liliana Reales em sua homenagem.

Importa lembrar também que naquela primeira edição de 2017, Noé Jitrik participava em dose dupla: no dossiê especial “Ejercicios críticos sobre Ricardo Piglia”, organizado por Adriana Rodríguez Pérsico, com um texto relacionando a obra de Piglia com a de Roberto Arlt; e na entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-americanos da UFSC, no segundo semestre de 2016. Seguiremos lendo e divulgando com dedicação escritores e escritoras que não morrem, como é o caso de Noé Jitrik, assim como foram os casos de Horacio González (1944-2021) e de Josefina Ludmer (1939-2016), que também seguem vivos – entre muitos outros lugares – nas páginas da *Landa*.

Nas demais seções da revista predomina a relação arte, cultura, política e violência – essa tão conhecida doença do intenso agora. Como detê-la? Como desacelerá-la? Distintas contribuições enviadas e aprovadas por nosso conselho editorial tentam responder de distintas maneiras à pergunta “Armas, para quê?”, proposta em chamada aberta. Alexandre Manoel Nascimento aborda as *Histórias da minha área*, álbum do rapper Djonga, a partir de duas imagens: a capa do álbum, com a presença do cotidiano da morte numa zona periférica de Belo Horizonte; e a imagem do presidente-defunto fazendo o gesto infame de arma, na mão de uma criança. Eduardo Ferraz Felipe, por sua vez, analisa alguns “romances brasileiros da pandemia”, marcados de diferentes modos pelas tragédias nacionais: *A Extinção das Abelhas* de Natalia Borges Polesso, *O Riso dos Ratos* de Joca Reiners Terron, *O Deus das Avencas* de Daniel Galera e *O último gozo do mundo* de Bernardo Carvalho. Já Guilherme dos S. Ferreira da Silva aborda a *poetry slam* que cresce exponencialmente no país, com destaque para a atuação das mulheres e o que chama de “poesia negra e periférica”. O quarto texto da chamada aberta, de Katherine Funke, se detém na relação literária entre Dalton Trevisan e Érico Veríssimo em torno da escritora neozelandesa Katherine Mansfield, em que os tiros são de armas de água mas os efeitos mortíferos são reais. Finalmente, Maria Isabel Bordini expõe uma discussão sobre guerra e totalitarismo, a partir dos diálogos entre Gonçalo Tavares e Hannah Arendt (1906-1975), a filósofa alemã que é reivindicada na obra ficcional do escritor português.

A própria seção Olhares – caracterizada por sua hospitalidade a diferentes gêneros, do artigo acadêmico ao não acadêmico – reverbera o debate em torno dos dramas da agoridade, começando com um texto de Susan de Oliveira sobre o *rap* de protesto no Brasil, texto este extraído de seu recente livro *Vozes e ecos no rap* (Editora Insular, 2022) e agora disponível na rede. Também é o caso do ensaio “Vidas de Clarice Lispector”, de João Camillo Penna, o qual examina com olhar atento as noções de vida-morte, justiça e violência na obra da escritora, com referência à famosa crônica “Mineirinho”, em que desfia toda sua indignação diante de um assassinato brutal cometido pela polícia. Fecha a seção Olhares uma antologia breve dos poemas de *Fotografias imaginárias com neve de verdade*, de Arturo Carrera (Editora Micronotas, 2020), seguida de um comentário dxs tradutorxs Natalia Pérez Torres e Joaquín Correa; no longo e belo poema, no entanto, a única violência se refere à impossibilidade da “reprodutibilidade técnica”, em função da perda definitiva das imagens de uma rara nevasca ocorrida em Buenos Aires.

3

De sua parte, igualmente tangenciam e aprofundam o debate sobre os distintos tipos de medos do presente – e seus antídotos estético-poéticos – o dossiê especial “Destellos de imágenes que sublevan”, organizado por um grupo de psicanalistas e professores da Universidad de la República del Uruguay, incluindo a doutoranda do PPGLit da UFSC Estefanía Pagano, além de Luisa Camps, Gonzalo da Costa e Ana Hounie, sua coordenadora. Intitulado “Lo clínico, lo político y lo estético en los procesos de subjetivación”, o grupo de pesquisa se dedica à “consideração do laço indissolúvel entre os processos de subjetivação e o campo social”, com ênfase na poesia e nas artes visuais.

Desejamos boas leituras e um 2023 muito melhor, mais diverso e democrático para todas e todos!

A equipe editorial